

Indústria

Confecções do Vale do Paranhana apostam em lingerie e roupas

Em média, um a cada quatro dólares exportados a partir de Igrejinha, no Vale do Paranhana, no primeiro semestre deste ano, é resultado da venda de lingerie e de peças de roupas fitness. É a demonstração na estatística da economia da região sobre a importância não apenas de exportar o que é produzido aqui, mas também vender lá fora um modelo de negócio desenvolvido a partir da região, e que não para de crescer.

“Acertamos muito bem no produto. São confecções que pensam no corpo da mulher latina, com compressão sem deixar marcas, destacando as curvas do corpo, e agora, além da América do Sul, estamos expandindo para Portugal, como uma porta de entrada para a Europa, e o México. A nossa ideia é expandir o nosso modelo, que consiste em produzir e gerar uma oportunidade de empoderamento e geração de renda às nossas revendedoras”, explica a diretora financeira do Grupo Crisdu, Tatiana Moser. As vendas para o exterior hoje respondem por 30% do faturamento do grupo.

Com a marca Romance, o Grupo Crisdu vende as suas mercadorias em consignação, para revendedoras em todo o Brasil e na América Latina. Já a marca Fantasia representa o setor comercial do grupo, com a venda por catálogo, para lojas físicas. Hoje, explica Tatiana, são mais de 200 mil revendedoras (99,9% mulheres) da marca.

“Nossa relação com as consultoras é sempre a de mostrar que esta é uma alternativa para melhorarem a vida e serem capazes de gerar

renda”, conta a diretora.

O negócio foi iniciado em 2005, ainda como uma revenda. Logo, foi percebida a necessidade de verticalizar a operação e entrar, definitivamente, para o ramo têxtil. Hoje, são três plantas industriais. Em Igrejinha é produzida a lingerie, em Três Coroas, operam os teares, com a fabricação própria de tecidos, e a confecção fitness, e em Taquara, ainda há uma fábrica de bojos para soutiens. Ao todo, a empresa produz 800 mil peças por mês.

E a verticalização foi total. Além do modelo diferenciado de vendas, logo a empresa percebeu que havia problemas no setor logístico para fazer chegarem seus produtos sem atrasos e sem danos aos destinos. Trataram de criar um braço logístico, a Log. “O transporte encarecia muito a operação e, especialmente em relação aos bojos, perdíamos muita mercadoria pela falta de cuidado especializado neste serviço. Hoje, temos 10 conjuntos completos de carretas que nos fizeram ganhar tempo, segurança e dinheiro”, garante Tatiana Moser. A economia estimada chega a 50% com o transporte próprio, e o envio, por exemplo, desde o Vale do Paranhana até Manaus (AM), foi reduzido pela metade do tempo. Nem mesmo os danos causados pela cheia do Rio Paranhana, que invadiu a fábrica de Três Coroas e danificou 20 teares, reduzindo em até 40% a produção total do Grupo Crisdu, mudam os planos de avanço da empresa.

De acordo com Tatiana Moser, são projetados R\$ 20 milhões em investimentos nos próximos meses.



Grupo Crisdu amplia produção e trabalha com logística própria

Guaporé é vitrine do polo de joias e bijuterias no RS

Sindicato das Indústrias de Joalheria e Lapidação de Pedras Preciosas do Nordeste Gaúcho soma 252 empresas especializadas

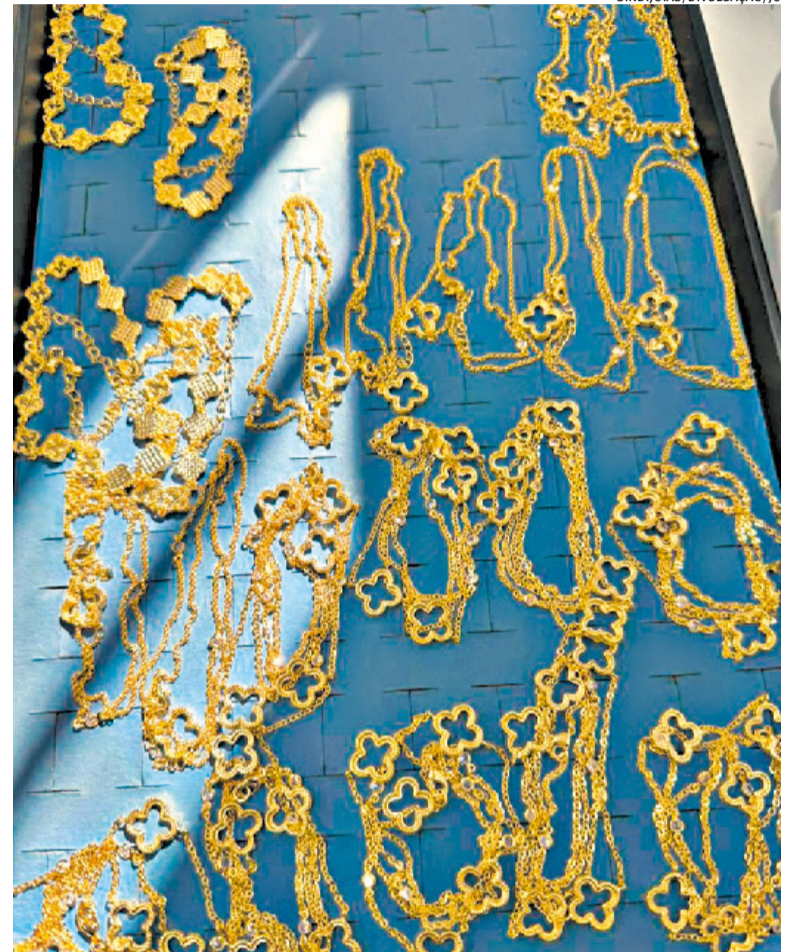
Essa história iniciou lá em 1875, quando a família Pasquali chegou ao Rio Grande do Sul, em princípio, em Bento Gonçalves. João, que fazia parte da família, trabalhava como estafeta entre Bento Gonçalves e o então município de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis.

Ele logo percebeu que precisava aprender outra função. Voltou à Itália e, dois anos depois, já na Serra outra vez, mas em Guaporé, passou a exercer a tarefa de ourives, ou joalheiro. Em 1909, deu início ao que se tornaria a Pasli Jóias e rapidamente formaria uma tradição que hoje faz parte do DNA da cidade.

O polo das joias e bijuterias, em Guaporé, hoje movimentado, segundo o Sindicato das Indústrias de Joalheria e Lapidação de Pedras Preciosas do Nordeste Gaúcho (Sindijóias-RS), 252 empresas especializadas – praticamente todas surgidas a partir da Pasli –, de um total de 3 mil em todo o Brasil, e, no primeiro semestre deste ano, exportou em torno de US\$ 2 milhões entre bijuterias e artefatos de joalheria. O município é o segundo lugar no âmbito nacional na produção de joias folheadas, com comercialização nacional e internacional.

À frente da produção da empresa pioneira no setor, Carlos Alberto Pasquali faz parte da quarta geração da família. A Pasli Jóias hoje não participa das exportações, e está limitada à produção sob demanda. Foi a forma como ele encontrou para se adaptar, especialmente após a pandemia, diante da concorrência chinesa.

“A matéria-prima é um problema para o setor. As pedras gaúchas, por exemplo, nem ficam mais no Estado. Não são lapidadas aqui e já vão para a China. Para a produção do nosso setor, ou importamos



O município é o segundo no âmbito nacional na produção dos itens

essa mesma pedra da China, ou trabalhamos com a sintética, para os folheados”, explica.

Na Pasli Jóias hoje são produzidos 1,5 mil itens de joalheria, com 20 funcionários. A linha de produção já teve 120 pessoas trabalhando, e Carlos Alberto viveu grande parte das transformações do setor.

“A tradição se popularizou na cidade a partir da década de 1980, quando entraram no mercado as linhas galvânicas, que tornaram mais fácil o manuseio do metal. A confecção ainda tem o design, que exige criatividade e humaniza bastante a produção, tornando algo único. Mas, a partir da criação, o processo todo revolucionou. Hoje temos máquinas a laser para os cortes, e a tecnologia nos ajuda bastante, tanto graficamente, com o desenvolvimento das peças em 3D, como na fundição e corte”, diz o empresário.

Antigamente, lembra Pasquali, era preciso desenvolver a peça em resina e aí então criar o modelo para a linha de produção. Hoje, esse processo vai direto para as máquinas

a partir do modelo em 3D.

“A linha de correntaria, por exemplo, levava uma semana para que o fio ficasse pronto, hoje fazemos isso em um turno. Há 30 anos, levava quase um mês para uma peça estampada se tornar uma matriz. Hoje, em dois dias o aço está gravado a laser”, reforça.

Essa transformação abre também oportunidades na região, com a exigência de mão de obra mais qualificada para a operação deste novo parque industrial. Neste aspecto, o Senai é um dos parceiros do setor, com uma escola específica para o setor de joalheria instalada em Guaporé.

Segundo o Sindijóias-RS, a unidade de formação no município é uma referência para todo o Estado, com alunos locais, inclusive, premiados em competições internacionais de inovação. A cada semestre, são iniciadas turmas de especialistas para o setor. Neste mês, por exemplo, está iniciando um curso gratuito, custeado pelas indústrias para a formação de designer de joias e prototipagem, com 25 alunos inscritos.